



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

MAYARA LUCENA DA COSTA

**ESCOLA NOTURNA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA:
UMA NARRATIVA DE FORMAÇÃO DOCENTE**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

MAYARA LUCENA DA COSTA

**ESCOLA NOTURNA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA:
UMA NARRATIVA DE FORMAÇÃO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia. Área de concentração: Ensino de Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Raquel Porto de Lima.

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837e Costa, Mayara Lucena da.
Escola noturna e estágio supervisionado em geografia [manuscrito] : uma narrativa de formação docente / Mayara Lucena da Costa. - 2018.
40 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Valéria Raquel Porto de Lima, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."
1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Ensino de Geografia.
3. Estágio supervisionado. 4. Formação docente. I. Título
21. ed. CDD 371.225

MAYARA LUCENA DA COSTA

**ESCOLA NOTURNA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA:
UMA NARRATIVA DE FORMAÇÃO DOCENTE**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia.

Aprovada em: 28/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Valéria Raquel Porto de Lima

Prof.^a Dr.^a Valéria Raquel Porto de Lima – Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba

Angélica Mara de Lima Dias

Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias
Programa de Pós-Graduação em Geografia/Universidade Federal da Paraíba –
Examinadora externa

Maria Juliana Leopoldino Vilar

Prof.^a Ms. Maria Juliana Leopoldino Vilar
Universidade Estadual da Paraíba – Examinadora Interna

A minha mãe, por ser uma mulher forte, que não desanima independente das circunstâncias, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Angélica por ter me proporcionado observar outras possibilidades, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela atenção e principalmente por acreditar em mim nos momentos que nem eu mesma acreditei.

A minha mãe, ao meu irmão, ao meu noivo e amigo, minha família, pela compreensão por minha ausência em algumas atividades e pelo apoio.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir a maneira pela qual o estágio supervisionado de observação pode contribuir no processo de formação do professor de Geografia e realizar alguns apontamentos com relação à modalidade de Educação de Jovens e Adultos a partir de uma narrativa autobiográfica. A escola noturna é a realidade com a qual os licenciandos também do turno noturno irão encontrar durante o estágio. Esse texto é resultado do Estágio Supervisionado I, componente curricular obrigatório ofertado pelo curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, realizado na E.E.E.F.M Prof. Itan Pereira, em Campina Grande-PB. Os resultados mostraram que o ensino de Geografia na EJA ainda é insatisfatório, com métodos mnemônicos, desconformes com o público a que essa modalidade se destina, o que se torna preocupante e por isso cabe a reflexão sobre as futuras práticas dos licenciandos. Por fim, foi possível concluir que a EJA ainda é uma realidade desconhecida dos alunos do curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, não sendo discutida no decorrer do curso adequadamente, o que dificulta a prática do estágio supervisionado nessa modalidade, uma vez que os licenciandos de Geografia deveriam discutir sobre todas as modalidades de ensino que são ofertadas pela escola básica. Dessa forma, a partir da prática de observação, foi possível perceber um ambiente ainda não explorado com uma visão de educadora, sendo essa etapa de fundamental importância e indispensável à formação inicial do professor por proporcionar um momento de reflexão da prática pedagógica a partir da realidade observada.

Palavras-Chave: Estágio de observação. Educação de Jovens e Adultos. Ensino de Geografia.

ABSTRACT

The present monograph intends to discuss the way in which the supervised internship of observation can contribute to the formation process of the Geography teacher and to make some notes regarding the modality of Education of youth and Adults from an autobiographical narrative. The night school is also the reality of the interns of the night shift will find during the internship. This study is a result of Supervised Internship I, required component offered by the Geography course of the State of Paraíba University carried out in E.E.E.F.M Prof. Itan Pereira, Campina Grande-PB. The results showed that the teaching of Geography in the EJA is still unsatisfactory, with mnemonic methods, which are adverse to the public for this modality, which is a concern and, therefore, reflection on how the future teachers' future practices will be. Finally, it was possible to conclude that the EJA is still an unknown reality of the students of the Geography Degree course of the UEPB, not being discussed in the course of the course properly, which makes it difficult the practice in this modality of supervised internship, since the graduates of Geography should discuss about all the modalities of teaching that are offered by the basic school. Thus, from the practice of observation, it was possible to perceive an environment not yet explored, in view of the educator, being this stage of fundamental importance and essential to the initial formation of the teacher to provide a moment of reflection of the pedagogical practice from the observed reality.

Key-words: Supervised internship. Youth and adult education. Geography Teaching.

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO 1 – CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO.....	07
1.1	INTERESSE PELO TEMA.....	07
1.2	ESCOLHA METODOLÓGICA E ESTRUTURA DO TEXTO.....	08
2.0	CAPÍTULO 2 – A PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO COMO FERRAMENTA DE REFLEXÃO E FORMAÇÃO DOCENTE.....	10
2.1	O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA.....	10
2.2	A PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O ESPAÇO ESCOLAR.....	13
2.3	O ESTÁGIO NOTURNO EM GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	17
3	CAPÍTULO 3 – O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURRÍCULO DO CURSO DE GEOGRAFIA E A VIVÊNCIA DA PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO.....	22
3.1	ANÁLISE DO PPC DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UEPB.....	22
3.2	VIVÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	25
3.3	REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: O INÍCIO DA FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE DOCENTE.....	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS.....	38

CAPÍTULO 1- CAMINHOS DE INVESTIGAÇÃO

1.1. INTERESSE PELO TEMA

O Estágio Supervisionado é uma oportunidade para o licenciando para compreender as práticas pedagógicas nas escolas e se preparar para sua inserção profissional. É um momento que privilegia a relação entre teoria e prática que pode conceber a reflexão em uma maior perspectiva, em que o estagiário tem a possibilidade de analisar os aspectos não só da sala de aula, mas também os que transcendem esse ambiente.

O trabalho ora apresentado é fruto das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado I, componente obrigatório ofertado pelo curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Itan Pereira, na cidade de Campina Grande-PB e tem por finalidade contribuir para uma reflexão acerca do ensino de Geografia na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, além de destacar a importância da prática de observação no referido estágio.

É necessário salientar que a área de pesquisa em ensino de Geografia não era uma opção no início do curso, momento em que enquanto estudantes começamos a divagar sobre as temáticas a serem pesquisadas para o trabalho final. Pelo contrário, falar sobre educação, sobre suas teorias e metodologias, sempre pareceu utópico e sem sentido, afinal, qual o ponto em estudar algo na academia que não acontece na prática escolar? Essa visão pequena e limitada foi sendo mudada aos poucos durante o curso, com a ajuda de alguns professores e colegas de classe que serviram como exemplos vivos de que é possível ser realizado na profissão docente e que se alguém pode contribuir para alguma mudança na realidade de nossa sociedade, são os professores. A partir de então, a ideia de trabalhar com a temática de ensino em Geografia no Trabalho de Conclusão de Curso foi tomando forma.

O interesse específico em trabalhar com o Estágio Supervisionado veio da vivência prática, quando percebi a relevância deste componente curricular que muitas vezes é menosprezado e tratado apenas como mais um a ser cumprido para conclusão do curso. Foi neste momento em que se confirmou que o Estágio Supervisionado é de vital importância na formação do licenciando, pois proporciona seu o primeiro contato com a realidade escolar e permite a reflexão acerca da própria atuação como profissional da educação.

Enquanto estudante do turno noturno, que como a maioria tem de realizar atividades laborais durante todo o dia, a alternativa para campo de estágio é também a escola noturna

que oferta a modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA. Esta modalidade contempla as etapas do ensino fundamental e médio e, como a própria nomenclatura indica, se destina a jovens e adultos que por diversos motivos não concluíram os estudos escolares no tempo adequado.

1.2. ESCOLHA METODOLÓGICA E ESTRUTURA DO TEXTO

Por se tratar de uma experiência vivenciada enquanto estagiária, a opção metodológica por uma narrativa autobiográfica pareceu o mais adequado. Esta escolha oportunizou então a realização de uma pesquisa bibliográfica de natureza teórico-reflexiva a partir de experiências práticas baseadas na observação de uma estagiária a partir de seu primeiro contato com o ambiente escolar. Para Portugal (2017) ancoradas:

[...]nos princípios do método (auto)biográfico [...] as narrativas de formação acadêmico-profissional[...] contemplam as histórias de vida, bem como as interfaces entre as dimensões das memórias dos percursos formativos do/no cotidiano escolar e das aprendizagens na Universidade, no que concerne à formação docente e à Geografia escolar (p. 78).

Para a autora, são fontes e dispositivos desse tipo de escrita/narrativa diários de formação, portfólios e memórias, dispositivos estes que apresentam potencial significativo quando inseridos nos Estágios Supervisionados.

Apesar de no Estágio I em específico não ter contato ainda com a investigação (auto)biográfica, suas fontes e/ou dispositivos, não foi motivo para não transformar a experiência vivida em uma narrativa docente ou escrita de si. Para Portugal (2017) este tipo de texto, escrito em primeira pessoa, auxilia na tradução de si mesmo, uma vez que “o narrador contempla em sua escrita o próprio autorretrato” (p. 79), destacando assim dados relevantes de sua identidade, neste caso específico, a identidade docente.

A narrativa autobiográfica é a experiência de vida de alguém tomada como objeto de conhecimento e reflexão da realidade, onde a experiência tem caráter formador no processo de aprendizagem e conhecimento. Vale salientar também, que não são todas as experiências que se apresentam na narrativa autobiográfica, pois na verdade o relato de experiência é um recorte da vida de quem narra, e na sua construção pessoal o narrador por mais que conte sua experiência, esta nunca cabe por inteiro na narrativa (SILVA e MENDES, 2015). Desta forma, entendo aqui, que o uso da narrativa autobiográfica se encaixa devidamente com o Estágio Supervisionado, pois ambos estimulam a reflexão da prática pedagógica.

Para melhor compreensão do leitor em relação as reflexões narrativas feitas nesse texto, além deste breve capítulo que apresenta estas considerações iniciais e, posteriormente, finais, estão organizadas em duas partes. A primeira compreende a contribuição do Estágio Supervisionado para formação do professor de Geografia e a prática de observação no ambiente escolar, bem como a realidade do estágio para os alunos do turno noturno que se deparam com a modalidade EJA, mesmo esta sendo pouco discutida durante a formação docente. A segunda parte contempla uma análise crítica do Projeto Pedagógico Curricular (PPC) do curso de Geografia da UEPB com foco no que se estabelece para o Estágio Supervisionado obrigatório na instituição e a discussão sobre o espaço escolar e sua influência no processo de ensino-aprendizagem, e por fim, uma análise auto-reflexiva desenvolvida a partir das experiências do estágio supervisionado de observação, nominado como Estágio Supervisionado em Geografia I no referido PPC.

CAPÍTULO 2 – A PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO COMO FERRAMENTA DE REFLEXÃO E FORMAÇÃO DOCENTE

2.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA

É através do Estágio Supervisionado, em suas distintas etapas, que a prática de ensino é apresentada nos cursos de licenciatura. Este se apresenta como componente curricular obrigatório, e tem como objetivo preparar o licenciando para exercer a função de magistério nos ensinos fundamental e/ou médio. De acordo com Santos (2013), o estágio supervisionado traz a possibilidade de reflexão com relação à docência, no qual o licenciando poderá unir as teorias aprendidas à realidade vivida na condição de docente.

Para uma boa base de formação profissional docente, é necessário saber que se deve articular a teoria à prática, pois, um professor não é formado apenas pela experiência em sala de aula nem tampouco apenas pelas teorias absorvidas na academia. Castellar (2010, p. 42) afirma que é importante “integrar as bases teóricas com a prática cotidiana e, dessa maneira, os docentes teriam uma dimensão maior do significado dos saberes específicos e das práticas sociais”. Sendo assim, com a articulação entre a teoria e a prática, é possível proporcionar um ensino com maior qualidade tanto para quem o promove – o professor – quanto para quem participa do processo educativo – o aluno. Pimenta e Lima (2006, p. 9), reforçam:

Essa compreensão tem sido traduzida, muitas vezes, em posturas dicotômicas em que teoria e prática são tratadas isoladamente, o que gera equívocos graves nos processos de formação profissional. A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática.

Quando o professor tem ciência de que o saber e o fazer se relacionam e interdependem para formação de uma ação educativa significativa, o profissional estará sempre procurando a sua auto-reflexão, pois a teoria por si só não tem o poder de modificar a realidade e a prática sem base teórica é impedida de ser refletida, adaptada e melhorada. O ato de refletir a prática docente se torna vital na sociedade contemporânea que cada vez mais tem exigido profissionais criativos, dinâmicos e autônomos, que sejam capazes de solucionar os problemas no ambiente escolar (SANTOS, 2013).

Segundo Souza (2013, p. 108), a partir da sua prática, o professor de Geografia possibilita aos alunos “a construção de um pensamento espacial, capaz de compreender as espacialidades do seu cotidiano e estabelecer relações espaciais em diversas escalas”.

Ensinar Geografia é uma tarefa difícil, pois a mesma é tida como ciência desinteressante e mnemônica, porém, compete ao professor a desconstrução dessa visão tradicionalista que ainda existe no âmbito escolar. O professor, como mediador do conhecimento, tem o papel fundamental de estimular a construção deste utilizando do conhecimento prévio de seus alunos e trazendo sua realidade para o contexto. Para Souza (2013) isso só se torna possível quando o professor possui domínio teórico da ciência geográfica e de conhecimentos pedagógicos, também se faz necessário saber gerenciar as relações sociais (pais, alunos, técnicos, etc.) e competência para efetuar as aulas usando os recursos disponíveis na escola.

Mesmo tendo noção da importância de seu papel como professor, por vezes se torna difícil para um licenciando conseguir exercer toda essa dinâmica em sala de aula, em parte por falta ainda de vivência pedagógica, e também, por não saber como mediar os conteúdos vistos na academia para seus alunos. Acerca disso, Menezes e Kaercher (2015, p. 56) afirmam:

O caminho existente entre o saber científico e o saber escolar constitui um grande problema. Isso ocorre devido à composição da grade curricular das licenciaturas em Geografia, a qual é formada por disciplinas pedagógicas, acarretando uma divisão entre Geografia e Educação. Essa desarticulação dificulta a reflexão concernente ao ensino de Geografia.

Portanto, a prática não deveria se restringir a apenas um espaço isolado do currículo, mas sim, ser trabalhada ao longo da formação do docente destacando a importância da pesquisa na formação inicial para que se desenvolva a articulação entre as teorias e práticas educativas, fazendo com que os futuros professores de Geografia compreendam a importância do saber-fazer na sua profissão, permitindo a estimulação do pensamento crítico do docente e assim, permitindo-o a analisar e repensar o espaço escolar.

Menezes e Kaercher (2015) criticam o modelo aplicacionista de organização dos cursos de licenciatura. Os alunos passam um determinado período na universidade cursando disciplinas isoladas e sem comunicação umas com as outras para que no final do curso realizem o estágio e apliquem os conhecimentos produzidos. De acordo com esse modelo, a pesquisa, a formação e a prática docente representam momentos separados e sem articulação. Essa divisão do trabalho tende a aumentar mais ainda a distância entre escola e universidade em função da ausência de diálogo entre professores e pesquisadores.

Sobre a pesquisa na prática docente realizada no Estágio Supervisionado, Pimenta e Lima (2006, p. 2), apontam que “[...] enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz

na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa”. Assim, o estágio como pesquisa na formação inicial, possibilita ao licenciando construir seu pensamento como pesquisador e desenvolver um olhar crítico e reflexivo acerca do contexto no qual está inserido e dessa maneira o conhecimento se torna algo significativo e diferente a cada realidade.

A licenciatura deve ser um momento de descoberta e aprendizagem dentro da realidade escolar, no qual o aluno possa compreender e aplicar a teoria e modificar suas metodologias conforme necessário. A formação de professores deve compreender não somente a dimensão inicial, mas também continuada, através de uma maior articulação entre universidade e escola, contribuindo de forma significativa na formação do profissional em curso.

De fato, a partir da experiência enquanto estudante de um curso de licenciatura, parece ser o Estágio Supervisionado o único componente curricular que trata da formação de professores unindo teoria e prática e ainda o único que coloca o futuro professor em contato com a escola. Essa falta de vínculo com o ambiente escolar durante o curso de licenciatura torna o momento de prática escolar artificial, sendo apenas um cumprimento da carga horária, não garantindo uma reflexão mais aprofundada sobre a realidade, quando na verdade, para que o licenciando possa ter uma formação mais articulada com o meio pedagógico, essa reflexão sobre o cotidiano se torna necessária.

De acordo com Barros, Silva e Vásquez (2011), a prática deve se voltar para uma formação que tenha significado para os alunos. Os professores precisam dominar métodos e técnicas que possibilitem os alunos a compreender a ciência e desenvolver habilidades necessárias para participar do meio social em que vivem, e o momento da prática de ensino é o mais adequado para que o estagiário comece a desenvolver competências, comece a refletir sobre sua ação de construção e reconstrução como aprendiz, visando uma educação de qualidade e buscando cumprir seu real papel de professor, o de tornar a escola um ambiente que pode promover a transformação social.

Dessa forma, o Estágio Supervisionado não deve se tornar apenas mais um componente curricular que visa o cumprimento da carga horária ou uma mera atividade de observação descontextualizada da escola. Deve ser um dos momentos fundamentais do curso de licenciatura, visto que é o momento estabelecido no currículo para que o aluno tenha contato com o ambiente escolar e possa observar os seus problemas, onde pode ter acesso aos

saberes do cotidiano e construir seu conhecimento através da prática reflexiva para assim, moldar sua identidade como professor.

Sobre se pensar o estágio contextualizado à realidade escolar, no tópico a seguir irei refletir sobre a importância que tem o Estágio Supervisionado I e sua proposta de observação do espaço escolar e da prática docente.

2.2 A PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O ESPAÇO ESCOLAR

Durante sua realização – Estágio Supervisionado I, II e III - o estágio proporciona momentos de observação da prática docente e de regência. Dentro desse pressuposto, a prática de observação se torna uma grande ferramenta na formação dos futuros professores, não apenas por ser um primeiro contato escolar, mas sim porque tem “o objetivo de mostrar ao licenciando que a escola é muito complexa, palco de diversas relações sociais nas quais se abrem um leque de problemas e possibilidades que precisam ser trabalhadas e superadas pelo professor” (ZINKE e GOMES, 2015, p. 28653).

O mais interessante é que a escola é um espaço que permeia a memória de nós todos que hoje estamos na condição de estagiários, no entanto, quando voltamos à escola nessa condição, nosso olhar é diferente de quando fomos alunos do ensino básico. É um momento em que reconhecemos um velho conhecido, mais ainda, é como se estivéssemos o enxergando pela primeira vez. Sendo assim, a observação no Estágio Supervisionado, se bem orientada, é capaz de despertar a análise crítica de uma determinada realidade e levar o licenciando a perceber mais a fundo as complexidades do ambiente escolar e da prática docente, tornando esse um momento reflexivo e indispensável para sua formação como professor.

Neste sentido, o estágio de observação como primeiro contato do licenciando com a escola, aproxima o aluno da realidade e revela a importância de refletir sobre os dados observados. Assim, a observação proporciona (re)conhecer o cotidiano escolar, sua organização pedagógica, as metodologias aplicadas pelo professor, e os principais desafios da disciplina escolar Geografia.

O ato de observar é um instrumento de reflexão essencial a prática docente, através da qual é possível compreender as relações em sala de aula a partir da vivência e absorver inúmeras informações que irão contribuir para uma intervenção pedagógica reflexiva e planejada. Conhecer a realidade escolar e sua organização ainda durante a formação profissional é fundamental e o estágio de prática de observação entra como ferramenta

essencial na formação dos futuros professores oferecendo a estes a oportunidade de conhecer e interagir com o meio escolar antes mesmo do estágio de regência.

Tomando como um instrumento de aprendizagem que leva a reflexão e auxilia na construção metodológica do professor de Geografia, Aragão e Silva (2012, p. 58) afirmam que:

A observação é uma ferramenta fundamental no processo de descoberta e compreensão do mundo. O ato de observar pode desencadear muitos outros processos mentais indispensáveis à interpretação do objeto analisado, principalmente se for feito com o compromisso de buscar uma análise profunda dos fenômenos observados.

Para adquirir conhecimento é necessário ir além de um simples olhar, é necessário que esse olhar seja aprimorado com estudo, com teorias, e que envolva também outros olhares. No estágio, o licenciando poderá analisar uma realidade escolar e terá que compreender a totalidade a partir de uma unidade de ensino. No entanto, para que essa observação seja de fato uma leitura da escola, segundo Barbosa e Noronha (2008) é necessário organizar um diagnóstico que leve em consideração:

- a) aspectos materiais, físicos e sócio-econômicos da escola;
- b) corpo discente: expectativas e possibilidades de aprendizagem;
- c) corpo docente: formação, planejamento, avaliação e concepções;
- d) direção e equipe técnica: organização das ações e de seu projeto político pedagógico (p. 5).

Para as autoras, levar em consideração esses aspectos durante o estágio de observação é fundamental para que se possa compreender as diferentes dimensões da escola. Elas ainda acrescentam:

A leitura dos aspectos materiais, físicos e sócio-econômicos pode lhe permitir analisar de que modo os espaços da escola são organizados, estruturados e em que medida isso traduz valores ou condições específicas de trabalho. Seus momentos de observação [...]serão muito ricos quando se voltarem para os alunos e professores, quando você observará como eles tecem seus planos de trabalho, quais as suas expectativas em relação à escola e em que medida vinculam a rotina de trabalho a suas experiências pessoais. Lançar seu olhar sobre as formas de gestão de ações e a organização do projeto político pedagógico da escola deve lhe possibilitar interpretar seu funcionamento, papéis estabelecidos e normas compartilhadas pela comunidade da escola com quem ela interage (BARBOSA e NORONHA, 2008, p. 5).

Os aspectos destacados pelas autoras auxiliam a elaborar não só um diagnóstico, mas também identificar situações-problema do ambiente escolar que auxiliarão a pensar futuras intervenções, além de, evidentemente, redescobrir e participar da vida na escola.

No entanto, o que muitas vezes acontece durante esse estágio de observação, é que o próprio sentido de observar não é compreendido em sua complexidade e cai na monotonia de apenas descrever aspectos materiais e físicos da escola e/ou das aulas de Geografia. Na verdade, é a partir da observação que o licenciando deve compreender a aula de Geografia em sua totalidade e a assim começar a refletir sobre sua própria prática docente. A observação na sala de aula, em especial,

[...] deve se pautar por uma perspectiva investigativa da realidade [...]Ao mesmo tempo em que as observações servem para compreender as práticas institucionais e as ações na escola, elas balizam as próprias ações do futuro professor, no sentido de facilitar a compreensão da realidade, dos fatos e sua prática docente, a partir de um olhar crítico e investigativo (GOMES e BRITO 2016 apud BARRETO e GEBRAN, 2006, p. 92).

A pura descrição da materialidade e das aulas, sem uma postura investigativa que conduza à problematização, limita uma reflexão sem aprofundamento e crítica, fazendo o estágio de observação ser visto como uma enfadonha etapa obrigatória a ser cumprida.

Desenvolver a postura investigativa ainda durante o estágio é fundamental, uma vez que é comum a ideia de que o professor da educação básica não precisa pesquisar, que basta ter o domínio dos conteúdos. Porém, essa ideia apenas reforça a imagem do professor como mero transmissor ou repassador de conhecimento. O professor da escola básica deve desenvolver uma atitude investigativa nos seus alunos, e para isso, é necessário que ele mesmo tenha aprendido e dominado a habilidade de produzir pesquisa, pois ela é, ao mesmo tempo, instrumento de ensino e conteúdo da aprendizagem.

Para se ter uma maior aproximação com o processo investigativo, inclusive para compreender e aplicar melhor os conteúdos trabalhados em sala de aula, uma vez que os mesmos são construções teóricas fundamentadas na pesquisa científica, requer uma prática pedagógica baseada na reflexão e na crítica, e que o professor reconheça o espaço escolar como seu lócus de pesquisa.

O espaço escolar é formado por diversos processos cotidianos que ultrapassam seus limites institucionais, sem se isentar deles. Marques (2013) afirma que muito se fala sobre o espaço escolar, porém nem sempre se pensa na escola como um espaço. Para ele, o espaço escolar não deve ser considerado um mero espaço de convivência, pois esse pensamento dá a

ideia de espaço como algo naturalizado, palco das ações humanas, mas não inerentes a elas, o que dificulta a compreensão deste, formado por processos sociais e influenciado por matrizes culturais e dinâmicas históricas. Portanto, “tratar a escola como um mero espaço de socialização retira desta a riqueza das relações e processos que a ela são inerentes, não só como instituição, mas como esfera da vida social, que também dela não se dissocia” (Idem, 2013, p. 6).

Dessa forma, o ambiente escolar vai além de um espaço delimitado fisicamente. O prédio escolar é um objeto da paisagem, mas a escola não é somente o prédio. Diversos fenômenos e processos atravessam seus muros fazendo com que este espaço seja pulsante e sempre em processo de construção.

O ambiente escolar é projetado com espaços para trabalhar determinados métodos que por vezes, perdem sua função original, pois estas mudam de acordo com as necessidades de cada época, sendo necessário pensar em projetos que possibilitem a modificação e adaptação da estrutura da escola. Muitas escolas possuem prédios antigos e ainda não se adaptaram as novas necessidades como fornecer acessibilidade a pessoas portadoras de deficiência e/ou espaços livres para crianças. O ambiente da sala de aula deve ser bem ventilado e iluminado, além de ter uma boa acústica, pois esses fatores também influenciam diretamente no desenvolvimento do aprendizado dos alunos e comprometem o bem estar das pessoas que ocupam esse ambiente.

A presença de uma estrutura escolar adequada permite desenvolver as atividades educacionais com mais qualidade, daí a importância de um espaço bem apresentado e equipado, como afirmam Santos, Santos e Almeida (2015, s/p):

Quando o prédio escolar está sintonizado com a educação, o trabalho de todos os envolvidos no seu processo flui sem impedimentos, nesse espaço tem que haver ambientes mais equipados e com melhores aparências para serem ocupados por todas as categorias funcionais como os diretores, coordenadores, professores e funcionários.

Portanto, quanto melhor a infraestrutura da escola, melhor o ambiente aonde o processo de ensino-aprendizagem irá se desenvolver, favorecendo todos os que ocupam o espaço escolar. Infelizmente, essa não é a realidade da maior parte das escolas públicas brasileiras e, geralmente, cabe aos professores improvisarem espaços e recursos que auxiliem o entendimento dos conteúdos ensinados em aula.

Ter desde o processo de formação docente essa concepção de que “o espaço [escolar] não é neutro, ele sempre educa” (SCARPATO, 2012, p. 57) faz o estagiário aprimorar sua visão crítica e reflexiva acerca do processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a prática de observação não deve ser tida como sem sentido e/ou finalidade, na verdade, o ato de observar é indispensável na formação do professor, pois é durante esse momento que ele poderá perceber quão complexo é o ambiente escolar, as relações sociais que se fazem presentes e também os diversos problemas e as possibilidades a serem trabalhadas e superadas, e assim, poder refletir acerca da educação escolar e sua atuação pedagógica.

2.3 O ESTÁGIO NOTURNO EM GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Como já afirmei em outro momento, para os licenciandos do turno noturno, que em sua maioria, trabalham durante o dia, só lhes resta realizar o estágio na EJA, uma modalidade de ensino trabalhada superficialmente ao longo do curso de licenciatura, o que leva a muitos preconceitos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394/96, aborda a EJA como modalidade “[...] destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996, s/p) ou seja, o objetivo dessa modalidade é ser uma educação de equiparação e integração, que visa acelerar o processo de escolarização.

A história da EJA no Brasil está muito ligada a Paulo Freire, que segundo Nascimento (2013), coordenou os projetos de alfabetização de jovens e adultos e se tornou exemplo e inspiração na América Latina e na África, de gerações de professores, militantes políticos, teólogos e cientistas sociais. A metodologia de Paulo Freire contraria a tradição em que o professor era o dono do saber, para ele o conhecimento é uma troca mútua de experiências em que tanto o aluno como o professor aprendem; o aluno deve ir além de aprender a ler e escrever e dar continuidade aos estudos, e nesse processo, deve ocorrer à interação professor-aluno considerando o contexto sócio-cultural do aluno e sua realidade.

Os estudantes da EJA são, geralmente, trabalhadores que vivem de subempregos ou estão fora do mercado de trabalho e em busca de qualificação, que abandonaram o estudo por motivos pessoais, como cansaço oriundo da rotina trabalho-estudo, ou, pelas próprias

deficiências do sistema educacional, através de metodologias e recursos pedagógicos inapropriados. Portanto, os objetivos dos alunos da EJA são diferentes dos alunos do ensino regular, eles buscam melhores oportunidades no mercado de trabalho para ter uma melhor qualidade de vida para si e para família.

Segundo Ferreira (2008, p. 6) a função dessa modalidade de ensino é “[...] atender prioritariamente, à classe trabalhadora, portanto, a EJA não pode ser pensada de forma desarticulada do mundo do trabalho”. Assim, os objetivos da EJA e os objetivos dos alunos dirigem-se para um ponto em comum, temos o governo almejando formar trabalhadores mais capacitados e estudantes que buscam uma melhor qualidade de vida, ou simplesmente manter o emprego que já possuem. Essa relação entre escolaridade e organização social é notória com a mudança do perfil de mercado, pois a empregabilidade atualmente só é garantida por meio da escolaridade.

Os alunos da EJA também não são mais crianças, são pessoas que já possuem experiência e conhecimentos informais acumulados no decorrer da vida. Além disso, por serem “alunos atrasados” alguns se sentem incapazes e possuem baixa auto-estima. Fica a cabo dos professores compreenderem a realidade de seus alunos e ter em mente que a maioria deles é formada por trabalhadores que estão estudando fora do tempo adequado, mas isso não quer dizer que os alunos da EJA devam ser tratados com pena ou que o desenvolvimento do ensino para eles deve ser feita de forma mais lenta, como ocorre nas escolas.

Eis então um desafio a observar: como desenvolver uma visão crítica nos alunos que buscam apenas qualificação para o mercado de trabalho? É perceptível a falta de incentivo dos professores da EJA na realidade da escola observada para com seus alunos, por acharem que eles possuem um raciocínio mais lento são muitas vezes tratados como crianças, quando na verdade, é possível ter um ensino compatível com os alunos dessa modalidade, um ensino articulado ao mundo do trabalho, mas que também pode desenvolver uma visão crítica nos alunos.

De acordo com Machado e Mattos (2014, p. 6) “o processo ensino aprendizagem com jovens e adultos pressupõe que o educador tenha humildade de aceitar os conhecimentos já adquiridos pelos alunos e tolerância para articular os conhecimentos trazidos por eles com os que pretende transmitir”. Portanto, para que a aprendizagem ocorra de forma significativa, ela deve partir dos interesses, do conhecimento prévio e das experiências dos alunos, unindo assim novos conhecimentos à bagagem cognitiva do indivíduo.

Mais importante do que repassar conteúdos é desenvolver nos alunos uma nova maneira de observar a sua realidade. O professor ao trazer a vivência dos alunos, facilita o

processo de aprendizagem não apenas na EJA, mas em qualquer modalidade de ensino, porém, para os alunos da EJA que possuem mais experiência de vida e conhecimentos mais diversos, isso pode enriquecer ainda mais o ensino. Para Ferreira (2008):

[...] em sala de aula, o importante não é depositar conteúdos, mas despertar uma nova relação com a experiência vivida. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o aluno, reconhecê-lo como indivíduo no contexto social, com seus problemas, seus medos, suas necessidades, valorizando seu saber, sua cultura, sua oralidade, seus desejos, seus sonhos. Possibilitar uma aprendizagem integradora, abrangente, não compartimentalizada, não fragmentada (p. 11).

O grande desafio para o professor é se adequar ao público dessa modalidade e abordá-los com atividades mais significativas e menos fragmentadas, principalmente, quando não há nada relacionado a teorias e metodologias centradas no ensino na EJA durante o decorrer do curso que licenciatura. Como consequência dessa falta de embasamento teórico-metodológico na formação, o professor termina por construir sua identidade de educador da EJA na prática, resultando na maioria das vezes em um professor com práticas tradicionais, e/ou um professor que não tem compromisso com seu trabalho, pois tem a EJA como um processo de ensino mais “fácil e devagar”.

Em vista disso, percebi durante o estágio de observação na EJA, a necessidade com relação a uma preparação docente mais específica para lecionar nessa modalidade de ensino. O professor desta não deve ser rápido demais no seu ensinar, nem tampouco devagar demais, duvidando da capacidade de aprendizagem dos alunos. O profissional docente deve ter empatia e compreender a vivência dos alunos, pois de nada adianta apenas a boa vontade de lecionar, é necessário ter a ciência das especificidades que a EJA possui e se adaptar a elas para assim tornar a aprendizagem relevante para os alunos. O professor na EJA deve ir além da reprodução de conteúdos e ser um mediador entre aluno e conhecimento, orientando o discente em sua própria construção fazendo perceber-se como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem.

No que se refere ao ensino da Geografia, aliar o conhecimento científico com o conjunto de experiências de vida dos alunos, a torna ainda mais atrativa, dando novos significados aos conceitos já construídos. Carneiro e Nunes (2017, p. 10) afirmam que “o saber geográfico deve instrumentalizar o aluno de modo que ele possa compreender e explicar as relações entre as pessoas e a natureza, bem como entender o movimento contínuo de transformação a que esse espaço está sujeito”. Assim, a Geografia contribui para formação

cidadã do aluno estendendo seus horizontes a partir da sua realidade e estimulando um comportamento mais consciente e ativo no meio em que vive.

Um dos principais objetivos a serem atingidos no processo de ensino-aprendizagem de Geografia no Segundo Segmento da Educação de Jovens e Adultos é:

Compreender que cidadania também é o sentimento de pertencer a uma realidade na qual as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado do qual todos são membros participantes, afetivamente ligados, e pelo qual são responsáveis e historicamente comprometidos com valores humanísticos (BRASIL, 2002, p. 199).

O aluno da EJA é um cidadão com direitos e deveres garantidos por lei. A Geografia escolar deve exercer no aluno uma auto-avaliação como ser social, provocá-lo a pensar no coletivo e repudiar injustiças, e incentivá-lo a ser ativo no seu meio para que nele possa intervir e transformá-lo. Assim, o professor de Geografia que cumpre seu papel de educador aponta práticas e instrumentos fundamentais no desenvolvimento da reflexão crítica e autônoma de seus alunos, ou seja, é um educador apto a compreender e explicar realidades da sociedade seja em aspectos históricos ou políticos.

Para Pires (2012, p. 8) “o ato de aprender e ensinar deve ter como alicerce a curiosidade [que desperta o desejo de aprender, de ver, de saber, de conhecer e de investigar o desconhecido], a criatividade e o prazer na apropriação do conhecimento”. É necessário despertar o interesse do aluno para a ciência geográfica, fazendo uso de diferentes metodologias e práticas que permitam aos alunos ter conhecimento do mundo e suas diversidades, assimilar a relação entre sociedade e natureza, perceber e analisar as ações dos indivíduos, etc.

Então, como despertar o interesse de alunos já maduros que estão totalmente voltados para o mercado de trabalho? Além de trazer a realidade de cada aluno para contribuir com as aulas como já foi dito, existem outras formas de se trabalhar na EJA mesmo sem tantos recursos disponíveis, como contextualizar os conteúdos com músicas, charges, mapas e notícias, incentivando a interpretação e a análise, fazendo os alunos relacionar os conteúdos com seu cotidiano.

Pude perceber que os professores da EJA geralmente trabalham de forma mais lenta com os alunos para que não se sintam pressionados e abandonem a escola novamente, mas ao fazer isso, inconscientemente terminam por desvalorizar a capacidade de aprendizado dos mesmos. Os estudantes da EJA não aprendem da mesma forma que as crianças, mas isso não

quer dizer que irão aprender com práticas mnemônicas e enfadonhas que não possuem significado algum.

O adulto não volta à escola para aprender o que deveria ter aprendido quando criança, mas sim porque o atual mercado de trabalho exige qualificação. Uma vez que o corpo discente da EJA é constituído basicamente de trabalhadores, ao invés de apenas se preocupar com que o aluno consiga seu diploma, e comprove sua escolaridade para ocupar uma função no mercado, o professor de Geografia deve problematizar as condições dos trabalhadores, instigar o pensamento crítico e atuante dos educandos, visto que a Geografia procura analisar e compreender os diversos processos e dinâmicas do espaço.

Para que isto se efetive, se faz urgente que a EJA entre na pauta de discussão teórica e reflexiva dos componentes curriculares práticos dos cursos de Geografia. A escola noturna é uma realidade problemática e pouco – para não dizer quase nunca – discutida durante o curso, o que empobrece o estágio, principalmente daqueles que tem a escola noturna como único lócus de efetivar sua prática.

CAPÍTULO 3 – O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURRÍCULO DO CURSO DE GEOGRAFIA E A VIVÊNCIA DA PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO

3.1. ANÁLISE DO PPC DO CURSO DE GEOGRAFIA DA UEPB

Segundo o Projeto Pedagógico Curricular (PPC) do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, o Estágio Supervisionado é um componente curricular obrigatório, que tem como objetivo o aprendizado de competências e habilidades profissionais que promovam a contextualização curricular e a articulação entre teoria e prática, através da vivência profissional de regência dos alunos nas instituições de ensino. Este documento destaca ainda que os estágios devem ser realizados preferencialmente na rede pública de ensino, mas também podem ser desenvolvidos em espaços alternativos que possuam atividades educativas ou voltadas para esse fim.

Esse componente é dividido em Estágio Supervisionado em Geografia I, II e III, sendo realizado a partir da segunda metade do curso, ou seja, nos últimos três períodos. A carga horária destinada ao Estágio Supervisionado é de 405 horas no total, divididas entre atividades teóricas, práticas e práticas orientadas pelo (a) professor (a) da disciplina. Como são componentes curriculares obrigatórios, o cumprimento das horas é necessário para obtenção do diploma de licenciado em Geografia ao fim curso.

No Estágio Supervisionado I – ES I, a carga horária total é de 105 horas e essa primeira etapa é voltada à observação. O estagiário deverá observar a atuação do professor de Geografia da escola em que realizará o estágio, buscando analisar prática escolar com base na didática e teoria de ensino de Geografia. Segundo o documento analisado, o objetivo do ES I não é criticar as metodologias dos professores regentes, nem tampouco que a observação seja um ato superficial e sem sentido, mas sim, que os estagiários desenvolvam o olhar e a vivência da realidade escolar bem como o planejamento de ensino na educação básica. No fim da disciplina, os estagiários devem apresentar um relatório das atividades desenvolvidas a partir da observação do cotidiano escolar.

Já os Estágios Supervisionados II e III, se configuram em momentos de realização de regência de aulas, realizados respectivamente no ensino fundamental e médio, cada um com carga horária total de 150 horas. Ao término de cada componente, o (a) professor (a) orientador (a) deve cobrar um relatório que também poderá ser adequado e apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC¹.

¹ No curso de Geografia da UEPB o Trabalho de Conclusão de Curso pode ser apresentado no formato de monografia, artigo científico ou relatório de estágio.

O PPC ainda destaca que o (a) professor (a) orientador (a) tem autonomia para tratar das questões específicas da disciplina, e destaca as atribuições do mesmo no componente, como visitar as escolas em que os alunos estão estagiando (não necessariamente para assistir as aulas, mas para fazer visitas ao ambiente escolar) e acompanhar o desenvolvimento das atividades concernentes aos estágios, avaliando e auxiliando no que for necessário para alcançar os objetivos propostos.

A estrutura curricular de um curso de licenciatura deve ter em vista à formação de um professor contextualizado para que assim, o aluno possa desenvolver habilidades e capacidades, e melhorar sua prática constantemente. O documento analisado afirma que “[...] o atual currículo do curso de Geografia apresenta como principal eixo organizador e articulador de seus conteúdos as práticas pedagógicas voltadas para o ensino de geografia na educação básica” (2016, p.37).

A Educação Básica abrange além do ensino fundamental e médio as seguintes modalidades de ensino: I - Educação de Jovens e Adultos; II - Educação Especial; III - Educação Profissional e Técnica, IV - Educação Básica do Campo; V - Educação Escolar Indígena; VI - Educação a Distância; e VII - Educação Escolar Quilombola. Porém, analisando o projeto do curso, é possível perceber que o mesmo não contempla nenhuma dessas modalidades de ensino.

Voltando atenção em especial para a EJA, pelos motivos já elencados, o PPC analisado não compreende esta modalidade de ensino de forma específica em nenhuma das disciplinas obrigatórias e nem nas disciplinas optativas. A maioria das disciplinas obrigatórias e/ou optativas privilegia os conhecimentos e as etapas direcionadas ao ensino fundamental e o médio deixando a discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos de fora ou tratada de forma tímida.

No que se refere à relação teoria-prática, o PPC deixa evidente que cada disciplina específica deve contemplar 8 horas de prática pedagógica, no entanto, esta na maioria das vezes fica na responsabilidade dos componentes de Metodologia do Ensino de Geografia I e II e dos estágios, estes já nos semestres finais do curso, estando na maioria das vezes desvinculados das outras atividades. Assim, o desenvolvimento do estágio termina por se dar de forma burocrática, como cumprimento de carga-horária necessária, sem uma reflexão efetiva do ambiente escolar e desafios da atividade docente.

Este não é um problema sintomático só do curso de Geografia da UEPB, mas dos cursos de formação de professores de uma maneira geral, o que o torna um dos pontos que mais fragiliza esta formação. Segundo Souza (2013) a própria carga horária exigida

atualmente para os estágios – 405 horas no total – é um desafio, devendo esta ser mais bem distribuída, com atividades que contribuam na apreensão do espaço escolar, da dinâmica em sala de aula, e nessa dinâmica, aprender o próprio ensino da Geografia tendo a escola como referência. Para tanto,

[...]são convergentes as ideias em torno da necessidade de maior associação entre a pesquisa e o ensino na formação de professores, a necessidade de uma maior articulação entre teoria e prática e a necessidade de se construir um currículo menos fragmentado e que articule melhor as áreas essenciais para a formação do professor. Tais convergências podem ser efetivadas nos conteúdos das didáticas da Geografia, nas metodologias de ensino da disciplina, nas práticas de ensino de Geografia e nos estágios supervisionados. Esses são considerados campos curriculares centrais na formação do professor de Geografia (SOUZA, 2013, p. 107).

Partindo do que diz o autor supracitado, observei que o PPC do curso de Geografia da UEPB divide as horas do Estágio Supervisionado em atividades teóricas, práticas e práticas orientadas pelo (a) professor (a) da disciplina. Esta divisão pode trazer uma visão simplista da distribuição da carga-horária, deixando de especificar algumas atividades que poderiam ser realizadas, como por exemplo:

- Analisar projetos pedagógicos das escolas;
- Analisar, também, projetos de pesquisa que estão dentro da temática de ensino de Geografia;
- Desenvolver atividades relacionadas ao livro didático;
- Elaborar planejamentos e atividades avaliativas.

Atividades como estas apontadas são de fundamental importância uma vez que os estudantes vão para o Estágio Supervisionado sem ter real dimensão do que é o ambiente escolar pela ótica docente. Outras questões práticas ficam a desejar como a análise, escolha e instrumentação do livro didático, a elaboração de questões avaliativas pertinentes tanto para o ensino fundamental quanto para o médio - inclusive, em algumas escolas, na entrevista de emprego é pedido ao candidato que elabore uma prova como requisito para aprovação na vaga.

Toda esta problemática se intensifica nas turmas do ensino noturno, que além da carga-horária que fica prejudicada, conta com estudantes que passam o dia trabalhando e só

dispõem desse horário para frequentarem o curso superior e, conseqüentemente, realizarem as atividades de caráter prático, como o estágio supervisionado.

Ao trazer para o rol de discussão do estágio supervisionado questões como as apontadas anteriormente, este seria melhor aproveitado, preparando de fato o licenciando para o ambiente escolar e assim lhe proporcionando de forma efetiva a formação de um professor reflexivo, capaz de desenvolver habilidades com base em suas experiências, evoluindo assim, em sua prática.

O Estágio Supervisionado em Geografia I, estágio de observação, ainda parece ser tratado como inferior aos estágios de regência, pois o relatório entregue ao final da disciplina, diferente dos estágios II e III, não é citado no PPC do curso como um relatório que poderá ser apresentado como TCC, quando na verdade a prática de observação tem tanta importância quanto a própria regência.

O ambiente escolar, enquanto espaço onde se afetiva a prática docente, também deve ser melhor discutido, analisado e observado ao invés de focar apenas na observação da prática do professor. A observação deste ambiente deve superar a mera descrição da estrutura física da escola e enxergar este ambiente como espaço de reprodução de vivências e relações de poder, discussão esta tão cara à Geografia.

3.2 VIVÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

A realização do Estágio Supervisionado I, se deu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Itan Pereira, hoje Escola Cidadã Integral, situada na Rua Luiz Motta, S/N, no bairro de Bodocongó em Campina Grande – PB. Inicialmente conhecida como escola padrão, a escola foi fundada no ano 2000, através do decreto de criação de nº 21.039 de 15 de maio. Esta escola é mantida pelo Governo do Estado da Paraíba, através da Secretária de Educação e Cultura, com recursos oriundos do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), com os Programas PDDE e PNAE.

A partir de conversa com os funcionários, estes relatam que a escola evoluiu muito com a gestão que se iniciou em 2011 e ainda continua ativa. A gestão é focada na atividade participativa e no trabalho em equipe, envolvendo professores, alunos, funcionários e comunidade. Em 2013, a escola recebeu o prêmio de Gestão Escolar e em 2017, o prêmio Escola de Valor, ambos a nível estadual. A escola também tem uma proximidade com as Universidades (UEPB e UFCG), colaborando para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa acadêmicos e se disponibilizando para acolher os alunos estagiários.

Próximo a escola, estão situados a AFRAFEP (Associação dos Auditores Fiscais do Estado da Paraíba) e o CTCC– SENAI (Centro de Tecnologia de Couros de Calçados, CTCC– SENAI) e embora essa seja uma área urbanizada, com serviços básicos de água tratada, coleta de lixo, energia elétrica, telefone público e rede telefônica, ainda há várias ruas sem pavimentação e rede de esgoto, inclusive a rua da escola, como mostra a figura 1.

Figura 1 – Rua da escola e pontos de referência



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2017.

A comunidade escolar da ECI Prof. Itan Pereira é constituída por:

- I – Grupo gestor;
- II – Conselho Escolar;
- III – Corpo docente;
- IV – Corpo discente – alunos devidamente matriculados;
- V – Equipe técnico-administrativa: auxiliares de secretaria, técnicos em informática, inspetores, auxiliares de biblioteca, apoio pedagógico, auxiliar de serviços gerais, merendeiras e vigia/porteiro.
- VI – Pais e/ou responsáveis do núcleo discente.

A escola atende alunos do 7º ao 9º ano do ensino fundamental e ensino médio integral, além de alunos do ensino fundamental e médio da Educação de Jovens e Adultos, esses são provenientes dos bairros Ramadinha, Bodocongó, Vila dos Teimosos e de sítios próximos.

O perfil econômico dos alunos matriculados é de classe média baixa e classe baixa. A maioria tem acesso à comunicação e entretenimento através da televisão, do rádio e pelas redes sociais. São pessoas que não costumam freqüentar apresentações artísticas, como peças de teatro ou exibição de filmes, mesmo que por vezes, ocorram eventos gratuitos na cidade.

Ler também não é um hábito desse público, sendo a dificuldade na leitura muito notada com os alunos da EJA, ficando essa atividade restrita ao ambiente escolar.

A escola tem sua estrutura dividida por blocos, onde no bloco 01 ficam os banheiros masculinos e femininos, pátio coberto, cantina (com banheiro), sala dos professores e almoxarifado. No bloco 2, ficam secretaria, direção, sala de AEE (Atendimento à Educação Especial), laboratório de informática, sala da banda marcial, e duas salas de aula. Nos blocos 03 e 04, cada um, possui cinco salas de aula. A escola possui, também, uma quadra de areia e uma quadra de piso descoberta, mas a cobertura é necessária para que professores e alunos possam ter melhores condições, não só nas aulas de educação física, mas o espaço também poderia ser utilizado por professores de outras disciplinas para desenvolver atividades didáticas fora de sala de aula e pela própria comunidade. Existem também nos corredores entre os blocos os espaços de socialização.

Os portões da escola ficam fechados, com o controle de entrada e saída de alunos e veículos feito pelo porteiro, pois principalmente a noite, os arredores da escola são bastante desertos e mal iluminados. A escola também possui um vigilante armado que costuma ficar próximo a entrada, mas faz voltas entorno da escola também.

Os espaços de convivência são espaços livres entre os blocos que são arborizados e possuem mesas e cadeiras (figura 2). É possível observar também nas paredes de todo o prédio, painéis pedagógicos, como por exemplo, os painéis de incentivo a leitura onde são colocadas biografias de autores brasileiros e indicação de algumas obras, ou painéis que disponibilizam livros para os alunos levarem para casa e depois devolverem. A escola em si, possui um ambiente confortável comparado a outras escolas públicas. Em nenhuma parte da escola se vê pichação ou algum vidro quebrado, nem na parte externa, e nem nas salas de aula ou banheiros, o que passa a idéia de um ambiente limpo, organizado e seguro.

Figura 2 – Espaços de convivência da escola



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2017.

As salas de aula são amplas, bem iluminadas e bem ventiladas devido as aberturas nas paredes e as janelas, o que pode ser um problema em dias frios e chuvosos. Há cadeiras e mesas para todos os alunos, e todos são limpos, livres de desenhos e pichações. Tem também um ventilador pequeno, que praticamente não é utilizado à noite, pois a sala já é bem ventilada e armários para guardar material pedagógico (figura 3).

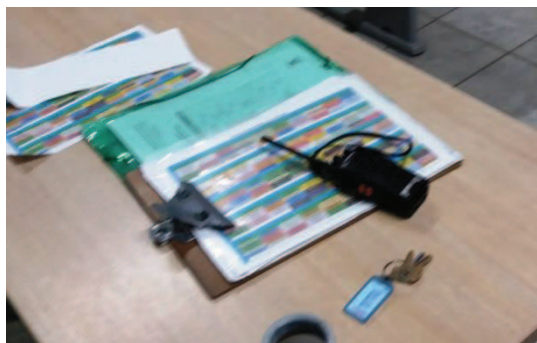
Figura 3 – Sala de aula da escola por dentro e por fora



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2017.

Os funcionários da instituição são identificados através do uso de crachás e os alunos sempre estão fardados. Além de possuir câmeras de segurança, o porteiro e o vigilante armado utilizam *walk talk* com outros funcionários da secretaria como meio de comunicação interna (figura 4). Na secretaria, há um ambiente limpo e bem organizado com computadores e impressoras disponíveis para emissão de quaisquer documentos necessários.

Figura 4 – *Walk talk* e quadro de horários

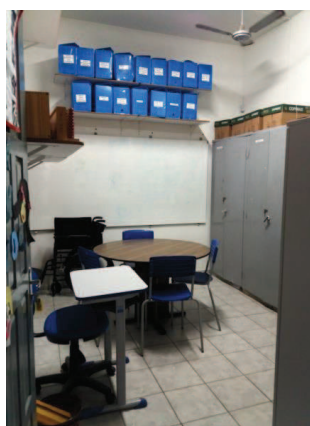


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2017.

Com relação à acessibilidade, a escola busca adaptar sua estrutura física e pedagógica para atender os alunos que possuem algum tipo de necessidade especial. Com relação ao prédio, esse possui rampas, corrimãos e portas com 90 cm de largura, porém, os banheiros ainda não são adaptados, não possuem nenhum apoio nas paredes ou um banheiro específico para pessoas com necessidades especiais. Entre as principais propostas de atividades psicopedagógicas, destacam-se atividades de pintura, uso de objetos que estimulam o desenvolvimento psicomotor, recortes, colagem e vídeos.

Os professores da sala de recursos não são especializados em educação especial, uma das professoras, inclusive, é historiadora, mas os professores do ensino regular estão sempre em contato com os professores do AEP para planejar e adaptar algumas atividades. A sala do atendimento possui um espaço pequeno, onde os dois armários e as prateleiras terminam por tomar muito espaço. Na sala mal cabem a mobília que são uma mesa com quatro cadeiras, uma cadeira de rodas, e uma mesa e cadeira para o professor. A sala também possui ventilador e diversos materiais de atividades lúdicas para trabalhar com os alunos (figura 5).

Figura 5 – Sala do AEP



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2017.

O Atendimento Educacional Especializado surge com uma proposta “inclusiva”, mas no momento em que os alunos com necessidades especiais são colocados em uma sala a parte, se torna uma exclusão. Porém, é necessário lidar com a realidade, é uma dificuldade lidar com salas superlotadas nas escolas públicas, ainda mais se essas salas tivessem algum aluno com necessidade especial, que possui um ritmo e uma forma de aprender diferentes. O AEP surge como uma “solução” a este problema, ainda que o espaço na escola seja insatisfatório e não hajam professores especializados, enquanto as salas ainda estiverem sendo super lotadas, o trabalho do professor é dificultado, e atender alguém com uma necessidade especial apenas para a escola se intitular como “inclusiva” é inviável.

A escola possui biblioteca e laboratório de informática. O uso desses espaços à noite, durante o tempo do estágio, foi praticamente nulo. Estes podiam ser espaços aproveitados também pelos alunos da EJA, como forma de incentivo à leitura e a inclusão digital. A quadra de piso seria uma boa opção para realização de atividades mais dinâmicas, porém a noite não é possível utilizar o espaço devido à falta de iluminação.

Outro ponto negativo observado tem relação aos equipamentos disponíveis. A escola não possui data-show que facilita muito o entendimento de alguns conteúdos através de imagens, principalmente, no que se refere à Geografia, ou uma caixa de som para trabalhar com música. O livro didático de volume único que é o padrão adotado para EJA, apresenta conteúdo simplificado e bastante resumido.

O laboratório de informática possui 18 computadores com acesso à internet, a sala também quadro branco, ar-condicionado e impressora (figura 6). A quantidade de computadores é pouca para uma turma do ensino regular que tem muitos alunos, e provavelmente, para que essas turmas trabalhem no laboratório de informática, os professores organizam duplas para o uso de cada computador, o que é uma alternativa, apesar de que com isso, a sala ficaria muito apertada já que o ambiente não é muito grande. Já para uma turma do EJA da noite, por exemplo, devido as turmas reduzidas, o uso do laboratório se daria mais confortavelmente.

Figura 6 – Laboratório de informática

Fonte: Acervo pessoal da autora, 2017.

A Educação de Jovens e Adultos na escola contempla os ciclos III e IV, que equivalem aos anos finais do ensino fundamental e V e VI que equivalem ao ensino médio. Esse último se divide em dois semestres letivos, distribuído em dois bimestres cada. Apenas os maiores de 16 anos podem se matricular, e para os indivíduos entre 15 e 16 anos que solicitem a matrícula, devem apresentar a Carteira de Trabalho e Previdência Social para reconhecimento de contrato de Jovem Aprendiz com carga-horária superior à quatro horas.

A turma observada pertencia ao ciclo VI da EJA. Durante a observação das aulas de Geografia nessa turma, o professor regente se mostrou prestativo a responder quaisquer questionamentos e ajudar no que fosse necessário. Não houveram problemas com relação ao ritmo das aulas ou inibição dos alunos como a presença de alguém novo na sala, tudo ocorreu normalmente conforme o cotidiano da turma.

Ao todo, observei quatro aulas. Logo no início, o próprio prédio da escola já chama atenção pela organização assim como a boa vontade dos funcionários em atender, algo não comum nas escolas públicas. Em sala de aula, devido ao primeiro contato com uma turma de EJA, o fato da sala ter poucos alunos foi inesperado. É sempre comum a discussão de que as escolas têm que lidar com a super lotação das salas de aula, o que não ocorre na EJA normalmente. Segundo o professor regente, há muita desistência nessa modalidade, destacando o fator trabalho, o cansaço se torna um fator desestimulante para esses alunos. Também existem os alunos que se matriculam apenas para conseguir sua carteira estudantil e usufruir dos direitos da mesma. O problema da evasão do aluno no período noturno se agrava em períodos específicos como São João e eleições em que muitos alunos conseguem “bicos” à noite.

Com relação à turma observada, essa começou com trinta alunos, mas durante as aulas observadas, manteve-se a média de dezoito alunos. A turma estava em uma faixa etária entre 20-40 anos, em que os mais jovens eram minoria. A turma era bem disciplinada com relação a comportamento, mas por outro lado, não era uma turma participativa nas aulas de Geografia.

O professor, apesar de naquele momento não estar satisfeito com sua vida profissional, ainda cumpria com sua obrigação mínima em sala de aula. Em todas as aulas observadas, o professor nunca chegou atrasado ou faltou por qualquer motivo e sempre que tinha oportunidade tentava incentivar os alunos a continuarem estudando, fazer um curso superior, e buscar melhores oportunidades. As aulas deveriam iniciar às 18h30min, mas ele sempre iniciava cerca de 20min depois, pois alguns alunos trabalhavam longe da escola e demoravam um pouco mais a chegar.

Apesar dos conteúdos da EJA serem reduzidos, devido ao tempo de formação do sistema, o professor conseguia apresentá-los de forma satisfatória, sempre escrevendo um resumo no quadro com os principais pontos a serem tratados na aula e explicando em seguida tentando trazer exemplos do cotidiano e das notícias quando possível. Porém, todas as aulas se deram da mesma forma, os alunos copiavam e ouviam a exposição do professor sem uma participação ativa. O professor na verdade acreditava que essa fosse a melhor forma de trabalhar, pois era mais fácil para os alunos compreenderem, pois com o resumo já se estudava para avaliação, só precisavam revisar o conteúdo.

Na primeira aula observada o professor tratou do capitalismo e suas formas. Como os alunos estavam retornando após uma greve escolar, não lembravam mais do último conteúdo visto, então essa aula foi toda dedicada à revisão através da exposição, o professor se manteve usando apenas o quadro e os alunos atentos copiando. Era possível observar o cansaço de um dia de trabalho no rosto de alguns alunos, já os mais novos eram os mais desinteressados. Por fim, foi marcada uma avaliação para aula seguinte.

Assim, foi possível observar uma avaliação sendo realizada e os resultados da mesma não foram satisfatórios, apesar de antes da prova o professor ter revisado o conteúdo e praticamente colocado a resposta no quadro poucos minutos antes da prova. Para o professor, o resultado já era esperado, pois os alunos não estudam em casa. Essa é uma das dificuldades ao se trabalhar com EJA, lidar com a falta de leitura dos alunos e como consequência a falta de interpretação de texto, talvez seja por isso que há tantos painéis incentivando a leitura dentro do ambiente da escola.

Na terceira aula, o professor chegou com as provas não corrigidas, usando o tempo da aula para corrigi-las e entregar aos alunos e repor a avaliação dos que não estavam presentes

na aula anterior. Após terminar a correção e dar as notas, o professor passou uma atividade de pesquisa sobre IDH para entregar na aula seguinte. Julguei, num primeiro momento, a tal atitude do professor como irresponsável, pois as provas deveriam ter sido corrigidas em outro momento e não no momento que deveria estar lecionando, mas também, o professor trabalhava em outra escola e fazia especialização, além de ter responsabilidades com sua família.

O profissional da educação geralmente tem que trabalhar em mais de uma instituição de ensino para poder ter uma renda melhor, ao mesmo tempo em que tem que continuar se profissionalizando, produzindo material científico, participando de eventos científicos e também se socializar. Portanto, a atitude do professor vista como “irresponsabilidade” por fim foi compreendida, pois o professor em outros momentos se mostrou comprometido com suas obrigações.

A última aula observada iniciou com a entrega da pesquisa solicitada por parte dos alunos, alguns não fizeram e ficaram para entregar na aula seguinte. O professor antes de começar a escrever no quadro questionou aos alunos o que eles entendiam por IDH já que haviam feito a pesquisa, e a partir da resposta de um aluno o professor deu continuidade mostrando o que era IDH e seus elementos, comparando os índices do Brasil com de outros países. A aula encerrou sem nenhuma atividade na sala ou para casa.

Observei que em todas as aulas o professor levava o livro, mas nunca o utilizava. Na época, o livro estava fora do seu tempo de uso, pois ele deveria ser utilizado de 2014 a 2016, além disso, era extremamente resumido, abordando História, Geografia, Sociologia e Filosofia em apenas 33 capítulos, não tendo muito com o que trabalhar.

A evasão escolar, a dificuldade dos alunos em estudar os conteúdos em casa, a falta de um bom livro didático, o método “fácil” e enfadonho do professor, as várias atividades que um professor deve exercer como ensinar em mais de uma escola e se qualificar ao mesmo tempo, essas foram as principais questões observadas ao longo do estágio. A realidade na EJA não é conhecida pelos estudantes de graduação e ao chegar nesse ambiente, com alunos mais velhos totalmente voltados ao mercado de trabalho, que já possuem certa dificuldade no aprendizado, a sensação é de que o programa realmente é algo que não tem solução. Porém, a partir da observação é possível a reflexão enquanto profissional, e assim, procurar meios de trazer uma educação mais proveitosa na EJA, não apenas educar adultos para o mercado de trabalho, mas explorar suas capacidades e tentar construir seu pensamento crítico.

3.3 REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: O ÍNICIO DA FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE DOCENTE

Antes de começar o Estágio Supervisionado I, nos anima a ideia de ir a uma sala de aula não mais como alunos, mas sim, como futuros professores. Admito que em diversos momentos da graduação quis desistir da docência devido à professores insatisfeitos com a carreira que escolheram e não só os próprios profissionais atuantes da área, mas a sociedade como um todo que menospreza e desvaloriza o papel do educador.

Porém, graças a incentivo de outras pessoas, outros professores, alguns exemplos de vida, retomei minha admiração pela profissão e a querer tentar a docência. O Estágio Supervisionado I com sua proposta de observação é o primeiro choque com a realidade. Na universidade, aprender sobre teorias e metodologias de ensino faz tudo parecer fácil, como seguir uma receita de bolo, e apesar de saber o que na realidade tudo seria diferente, não imaginei que seria tanto.

Com a primeira impressão causada pela escola campo de estágio veio o desejo de ali trabalhar um dia. Pude cursar o ensino fundamental em escola particular, mas no ensino médio ingressei em uma escola estadual no bairro onde moro e cresci e pude vivenciar uma escola desorganizada, localizada em uma área perigosa da cidade e com funcionários que tinham total descaso com suas profissões, desde os funcionários da secretaria aos professores.

Quando cheguei pela primeira vez a atual ECI Prof. Itan Pereira, achei que seria mais uma escola pública como aquela com a qual tive contato no ensino médio enquanto estudante, mas ao entrar no prédio comecei a reparar nas diferenças: os funcionários eram educados, não haviam rabiscos ou pichações nas paredes da escola, os alunos estavam em sua grande maioria fardada, os professores identificados e não havia barulho, nem de coordenadores, nem de alunos. A escola em termos de estrutura, organização e limpeza, era excelente comparada à outras escolas estaduais.

Na sala de aula, as coisas não ocorreram como esperava. Talvez pelo fato de ouvirmos quase que a todo o momento que a Geografia que tem que ser lecionada de forma crítica, que devemos oferecer caminhos aos alunos para que eles sejam capazes de formar o seu pensamento, ao chegar à realidade de uma EJA, e ver que o ensino é mais tradicional do que esperado, é um pouco decepcionante, mas é a realidade e temos que lidar com ela.

O professor regente me tratava bem e estava sempre disposto a responder minhas perguntas, mas o mesmo – durante o período de estágio – me incentivava a seguir outra carreira que desse maior retorno financeiro, pois professor além de não ser reconhecido não

recebe o suficiente pelo trabalho. Ele era mais um profissional insatisfeito com a carreira escolhida, assim como os outros que vi no decorrer do curso e talvez isso refletisse nas suas aulas.

Como ele mesmo afirmou, os alunos da EJA têm muita dificuldade em aprender. É fato que os alunos da EJA não aprendem tão rapidamente quanto crianças, sua mente não é mais a mesma, um adulto tem responsabilidades e preocupações que uma criança não tem, mas, o fato de “não aprenderem” se deve somente a sua falta de responsabilidade com os estudos, ou também, as aulas poderiam trazer algo diferente, que chamasse a atenção dos alunos? Perguntei-me isso durante as aulas, e depois de algumas leituras vi que era possível ter um desenvolvimento efetivo nos alunos da EJA, trazendo a realidade do aluno para aula, unindo seu cotidiano aos conteúdos e assim facilitar a assimilação.

Alguns artigos lidos traziam a experiência positiva de alguns professores da EJA com outros recursos didáticos, como música, quadrinhos, fotografias e mapas. Então mesmo que a escola não possua muitos recursos didáticos, é possível tocar música em um celular e analisar a letra, relacionando-a com o conteúdo a ser trabalhado, quadrinhos e fotografias estão presentes em muitos livros sejam eles didáticos ou não, esses livros podem ser pegos nas bibliotecas, da mesma forma os mapas. Então, existem outras maneiras de se trabalhar, vai do profissional entender a necessidade de sua turma, como eles reagem a determinados métodos e assim adaptá-los para que o processo de ensino-aprendizagem seja melhor tanto para os alunos como para o professor.

A experiência e a reflexão oportunizada pelo estágio de observação foi muito proveitosa e significativa, pois além de proporcionar o meu primeiro contato com a escola como futura docente, pude também ter meu primeiro contato com uma modalidade de ensino na qual eu desconhecia. Acredito que o estágio de observação deveria ser mais valorizado e melhor trabalhado pelos professores responsáveis na universidade, pois na realidade não se dá muita importância a prática de observação, quando na verdade é necessário ao professor ter um olhar bem treinado e ir além, usar das experiências da observação para sua própria reflexão como profissional e refletir também sobre o espaço escolar.

Nesse primeiro Estágio Supervisionado, pude observar diversos problemas, me surpreender positivamente com algumas coisas e refletir sobre minha prática docente, sobre que tipo de professora seria se estivesse encarregada de uma turma da EJA (e que professora pretendo me tornar). O mais interessante no ser professor, são os diferentes desafios encontrados em cada turma sejam elas do ensino regular ou da EJA, todas as turmas são diferentes umas das outras, pois são compostas por pessoas diferentes, e o papel do professor

é trazer o ensino a esses alunos da melhor forma possível, sempre buscando se adaptar com métodos diferentes.

A Educação de Jovens e Adultos é uma oportunidade a quem não pôde concluir o ensino no tempo adequado, pessoas que não tem tempo a perder, que carregam experiências de vida e lutam contra o cansaço de um dia de trabalho para buscar melhores oportunidades. Acredito que os professores devem ter mais empatia com os alunos dessa modalidade e ajudá-los a tentar construir seus próprios pensamentos, não apenas copiar o conteúdo do quadro e reproduzi-lo em uma prova, mas torná-los agentes ativos na sua própria construção de aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do Estágio Supervisionado I, foi possível perceber um ambiente já familiar a partir de uma nova perspectiva, a de um professor. A Educação de Jovens e Adultos foi a modalidade vivenciada durante o estágio, devido a não disponibilidade de cumprir o componente no ensino regular, e se tornou uma experiência bastante significativa, pois apesar de ter um primeiro choque entre a teoria de ensino aprendida no âmbito acadêmico e a prática escolar, surgiu também a curiosidade por essa modalidade ainda não muito conhecida. Talvez, se essa modalidade fosse mais bem trabalhada durante o curso de Geografia, as possibilidades de prática e reflexão se tornariam ainda maiores.

A EJA deve ser vista como uma educação desenvolvedora e integradora do indivíduo, antes segregado pela sua situação de formação educacional, na sociedade. Os alunos da EJA são jovens e adultos com mais experiências de vida quando relacionamos aos alunos do ensino regular, e por isso a metodologia dessa modalidade precisa ser diferente, pois se destina a um público diferente.

Porém, a partir dessa experiência, percebi que o professor de Geografia da EJA ainda se utiliza de metodologias mnemônicas e inadequadas a esse público, em que eles são limitados a apenas transcrever o que é colocado no quadro e memorizar as informações para uma avaliação posterior. O professor de Geografia deve ir além da mera reprodução de conteúdos e ser um mediador entre aluno e conhecimento para que através da sua orientação o aluno possa construir a sua formação cidadã e perceber-se como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem. Nessa modalidade de ensino em específico, a Geografia deve estar relacionada ao mundo do trabalho.

Dessa forma, o Estágio Supervisionado I proporcionou, além da vivência no ambiente escolar, a possibilidade de refletir sobre a realidade dos educandos da EJA enquanto alunos trabalhadores e voltados para o mercado de trabalho, mas ainda assim, cidadãos com direitos e deveres garantidos por lei e indivíduos que capazes de desenvolver uma reflexão crítica do meio em que vivem e serem sujeitos ativos na sociedade podendo colaborar para transformação da mesma.

Esse componente curricular, por diversas vezes subestimado, contribui para formação do professor e proporciona o contato direto através da interação com alunos e outros professores, bem como de todo corpo e ambiente escolar, no qual é perceptível as questões que permeiam a prática docente nas aulas de Geografia e oportuniza a possibilidade de refletir sobre que professores queremos ser.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, T. M. N.; NORONHA, C. A. **Estágio Supervisionado Interdisciplinar**. Natal: SEDIS, 2008.

BARROS, J. D. de Souza; SILVA, Ma. de F. da; VÁSQUEZ, S. Fernández. A prática docente mediada pelo estágio supervisionado. **Atos de pesquisa em educação - PPGE/ME FURB ISSN 1809-0354**. Blumenau-SC, v. 6, n. 2, p. 510-520, mai./ago. 2011. Disponível no site: <http://gorila.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/viewFile/1661/1697>. Acesso em: 24 Out. de 2018.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Secretaria De Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: Segundo Segmento do Ensino Fundamental: 5a à 8a Série**. Brasília, 2002.

CARNEIRO, A. C. A.; NUNES, E. B. A importância do estudo de Geografia na EJA. Campos dos Goytacazes-RJ. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Instituto Federal Fluminense - IFF, 2017. Disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/bitstream/123456789/1870/1/Documento.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2018.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: formação e didática. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; MORAES, Loçandra Borges de (orgs.). Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de geografia. Goiânia: NEPEG, 2010, p. 39-57.

FERREIRA, D. C. **Caderno Temático sobre a EJA (Educação de Jovens e Adultos)**, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1711-6.pdf>> Acesso em: 26 de Out. 2018.

GOMES, J. G.; BRITO, G. Q. Estágio supervisionado em geografia: reflexões e críticas acerca de uma experiência vivenciada. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais ISSN-e 2178-0463**. Fortaleza-CE, v. 7, n. 13, p. 77-87, jul.dez 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5736923>>. Acesso em: 2 out. 2018.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis Pedagógica ISSN: 2178-4442**. Catalão-GO, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>>. Acesso em: 16 out. 2018.

MACHADO, V. C.; MATTOS, M. Ensino de geografia na educação de jovens e adultos. In: FERRETTI, Orlando; CUSTÓDIO, Gabriela A. (orgs). **Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: segundo semestre de 2013**. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. <http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/ARTIGO-Vanessa-e-Mayra.pdf>

MARQUES, R. Por uma perspectiva espacial da escola. **Revista Brasileira de Educação em Geografia - RBEG ISSN: 2236-3904**. Campinas-SP, v. 3, n. 5, p. 05-20, jan/jun 2013. Disponível

em:<<http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/129/88>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

MENEZES, V. S.; KAERCHER, N. A. A formação docente em geografia: por uma mudança de paradigma científico. **GIRAMUNDO** ISSN 2358-4467. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 47-59, jul/dez 2015. Disponível em:<<https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/view/544>>. Acesso em: 5 out. 2018.

NASCIMENTO, S.M. **Educação de Jovens e Adultos - EJA, na visão de Paulo Freire**. Paranavaí-PR. Monografia (Monografia de Especialização) - UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, 2013. Disponível em:<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4489/1/MD_EDUMTE_2014_2_116.pdf>. Acesso em: 19 out. 2018.

PIRES, L. M. Ensino de Geografia: Cotidiano, práticas e saberes. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, UNICAMP, Campinas-SP, 2012. Acesso em: 10 Out. 2018.

PORTUGAL, J. F. Pesquisa Narrativa na Formação de Professores de Geografia: memórias que contam histórias. In: ALVES, A. O.; KHAUOLE, A. M. K. (orgs.). **A Geografia no Cenário das Políticas Públicas Educacionais**. Goiânia: C&A Alfa & Comunicação, 2017. p. 73 – 106.

SANTOS, J.E.; SANTOS, J.M.; ALEMEIDA, R. S. O espaço escolar: Conhecer para compreender o ensino de Geografia na Escola Estadual Theotônio Vilela Brandão, Maceió/AL. **Revista Gestão Universitária**. 2015. Disponível em:<<http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos-cientificos/o-espaco-escolar-conhecer-para-compreender-o-ensino-de-geografia-na-escola-estadual-theotonio-vilela-brandao-maceio-al>>. Acesso em: 08 Nov. 2018.

SANTOS, M. F.P. O estágio supervisionado na formação dos professores de Geografia. In: ALBUQUERQUE, M. A. M.; FERREIRA, J. A. S. (Orgs.) **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Mídia, 2013, p. 59-86.

SCARPATO, M. **Didática e Desenvolvimento Integral**. São Paulo: Avercamp, 2012.

SILVA, N. M.; ARAGAO, R. F. A observação como prática pedagógica no ensino de geografia. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais** ISSN-e 2178-0463. Fortaleza-CE, v. 3, n. 6, p. 50-59, jul.dez 2012. Disponível em:<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5736923>>. Acesso em: 2 out. 2018.

SOUZA, V.C. **Desafios do estágio supervisionado do professor de Geografia**. IN: ALBUQUERQUE, Maria Adailza M.; FERREIRA, Joseane A. S. (Orgs.) **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Mídia, 2013, p. 105-130.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. **Projeto político pedagógico do curso de licenciatura em Geografia**. Campina Grande: UDUEPB, 2016. Disponível em:

><http://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/download/0145-2016-PPC-Campus-I-CEDUC-Geografia-ANEXO.pdf><. Acesso em: 12 out. 2018.

ZINKE, I.A.; GOMES, Diana. A prática de observação e sua importância na formação do professor de Geografia. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE. **Anais eletrônicos**. Curitiba-PR, 2015. 28653-28663 p. Disponível em:<http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18655_7820.pdf>. Acesso em: 10 Out. 2018.